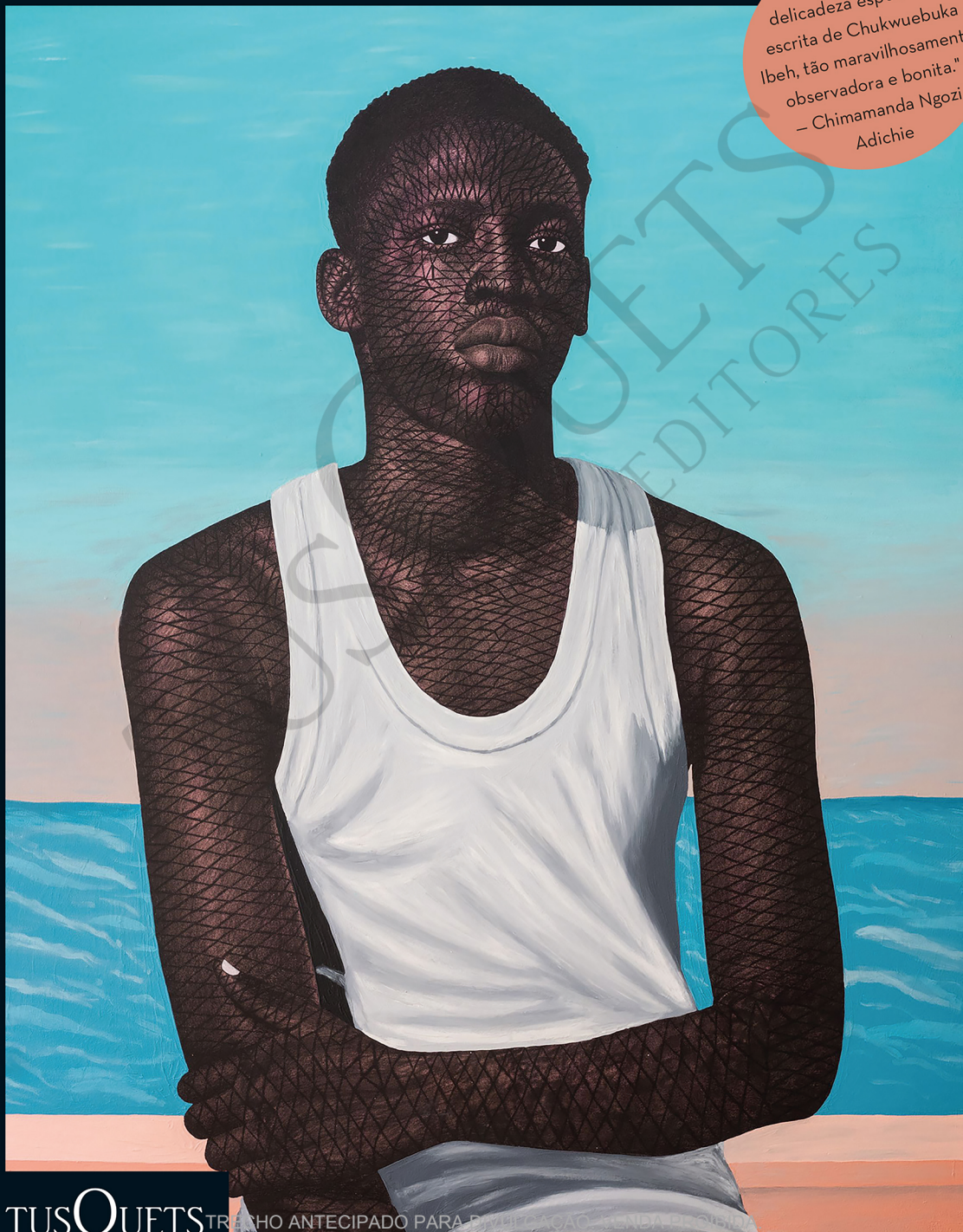


CHUKWUEBUKA IBEH

BÊNÇÃOS

"Há uma
delicadeza especial na
escrita de Chukwuebuka
Ibeh, tão maravilhosamente
observadora e bonita."
– Chimamanda Ngozi
Adichie



TUSQUETS
EDITORES

TRÊS ANTES DO ANTECIPADO PARA PUBLICAÇÃO

CHUKWUEBUKA
IBEH

BÊNÇÃOS

Tradução:
Petê Rissatti

Copyright © Chukwuebuka Ibeh, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Petê Rissatti, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *Blessings*

Preparação: Ligia Alves
Revisão: Caroline Silva e Thiago Bio
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Márcia Matos
Capa da edição Tusquets: adaptada do projeto gráfico original de Compañía
Imagem de capa: Olusegun Tosin Kalejaye, *Summer Vibe in Takwa Bay I* (2021)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Chukwuebuka, Ibeh
Bênçãos / Chukwuebuka Ibeh ; tradução de Petê Rissatti. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
256 p.
ISBN 978-85-422-3849-5
Título original: Blessings
1. Ficção nigeriana I. Título II. Rissatti, Petê
25-3916
CDD 828.9969

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção nigeriana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

7 **PARTE UM**
27 **PARTE DOIS**
179 **PARTE TRÊS**
193 **PARTE QUATRO**

TUSQUETS
EDITORES

1.

Porto Harcourt, 2006

Ele veio em outubro. Sua chegada aconteceu sem aviso prévio, sem cerimônia. Uma batida leve na porta naquela noite amena, no momento em que o sol encerrava sua aparição raios antes de se recolher, e lá estava ele, usando chinelos de borracha, carregando uma bolsa GHANA MUST GO nos ombros, ao lado do pai de Obiefuna, Anozie, os dois parecendo exaustos da longa viagem. Quando Anozie falou de contratar um ajudante extra para dar uma força na loja, Obiefuna não sabia o que esperar, mas, de alguma forma, não era a figura alta que agora estava abraçado à bolsa contra o peito, com os lábios levemente curvados para baixo enquanto encarava os pés empoeirados. Era uns trinta centímetros mais alto que o pai de Obiefuna, que já era bastante alto, mas foi a escuridão uniforme da pele do garoto que fez os olhos de Obiefuna se fixarem nele por mais tempo quando abriu a porta para deixá-los entrar. O rapaz parecia indeciso entre seguir Anozie para dentro da casa ou dar meia-volta e retornar pelo mesmo caminho por onde tinha vindo. Ele entrou após um momento de hesitação, ignorando com tato a tentativa de Obiefuna de ajudá-lo com sua bagagem.

— Bem-vindo, pai — disse Obiefuna, ainda sem tirar os olhos do rapaz.

Anozie resmungou uma resposta:

— Cadê sua mãe? — perguntou ele, jogando-se no sofá com um movimento exagerado. A viagem de sua cidade natal, Igbo Ukwu, durava

em média no mínimo seis horas e podia deixar uma pessoa se sentindo incapacitada por completo.

Como se aquela fosse sua deusa, a mãe de Obiefuna, Uzoamaka, saiu da cozinha, parou na sala de jantar e olhou diretamente para o rapazinho, sentado com a cabeça ligeiramente baixa em um banquinho na frente de Anozie. Ela observou a bagagem dele e aquela situação com um olhar avaliador.

— Seja bem-vindo — disse a Anozie, e assentiu em resposta aos cumprimentos do rapaz.

— Me traz um copo d'água — disse Anozie a Obiefuna. Ele evitou o olhar de Uzoamaka. Exatamente uma semana antes, ele havia viajado a Igbo Ukwu para participar da reunião de desenvolvimento sindical da cidade na condição de secretário assistente, e esperavam que ele chegasse em casa apenas no dia seguinte – e, sem dúvida, não com um ajudante. Ele aguardou até que Obiefuna retornasse com a água e tomou-a, deixando o copo sobre a mesa, antes de se virar para encarar Uzoamaka. — Este é Aboy. Lembra dele? Terceiro filho do finado Okezie. Acabou de terminar o ensino médio e quer aprender uma profissão. O tio dele me seguiu até em casa depois da reunião e implorou para trazê-lo. Todo mundo acha que ele vai aprender rápido.

Uzoamaka olhou através da sala para avaliar Aboy de novo. Ele estava sentado com as pernas ligeiramente abertas, cruzadas na altura dos tornozelos à sua frente, abraçando a bolsa como se a protegesse. Ele a puxou para mais perto de si enquanto Uzoamaka o examinava. Os estalidos da bolsa preencheram o silêncio da sala de estar.

— Obiefuna, mostra pro Aboy onde guardar as coisas dele — pediu Uzoamaka, por fim, em inglês.

Aboy pareceu surpreso ao ouvir seu nome, mas se levantou do banco e caminhou pelo curto comprimento da sala de estar, seguindo Obiefuna pelo corredor até entrar no quatinho que ele dividia com seu irmão, Ekene. Então, Aboy finalmente largou a bolsa, observando Obiefuna colocá-la dentro do guarda-roupa. Obiefuna virou-se para Aboy porque ele havia dito algo.

— O quê?

— Onde fica a latrina? — repetiu ele em igbo.

— Latrina?

Ele assentiu com a cabeça e, percebendo a confusão de Obiefuna, agachou-se um pouco para mostrar a posição. Obiefuna levou um momento para entender.

— Ah, você está falando do banheiro? — perguntou.

Aboy hesitou e, em seguida, assentiu de novo com a cabeça.

— Vem comigo — disse Obiefuna. Ele levou Aboy para fora do quarto, de volta para o corredor, e apontou a porta do banheiro na outra ponta. Aboy avançou com movimentos incertos até a porta e a abriu com um empurrão cauteloso. Obiefuna imaginou havia quanto tempo ele estava segurando. Será que tinha aguentado aquela longa viagem desde a aldeia apertado para ir ao banheiro? Aboy inspecionou o cômodo com uma expressão perplexa que levou Obiefuna a entrar no banheiro e apontar para o vaso, continuando em igbo hesitante: — Aqui você vai sentar para fazer suas coisas. E depois você joga um balde de água por cima. Entendeu?

Aboy pareceu pensar naquilo por um momento e, então, fez que sim com a cabeça. Ele se virou para encarar Obiefuna com o que este consideraria em retrospecto o primeiro sorriso completo desde sua chegada.

Naquela noite, Obiefuna ficou do lado de fora do quarto dos pais, com o ouvido colado na porta, escutando a conversa deles antes de dormir.

— *Anam asi*,¹ você podia pelo menos ter me avisado que chegaria com ele hoje. Você traz alguém do nada para nossa casa e espera que eu fique feliz? — protestou Uzoamaka.

— Mas eu nem sabia que ia voltar com ele — respondeu Anozie. — Te falei que Shedrach me seguiu até em casa depois da reunião. Na verdade ele fez o pedido ali mesmo, na frente da *umunna*² toda. O que eu podia fazer? Dar um passa-fora nele?

Uzoamaka sibilou:

1. Em igbo (uma das principais línguas nativas da Nigéria), significa “Estou dizendo”. (N.T.)

2. “Filhos do mesmo pai”, referindo-se a uma comunidade do mesmo clã ou da mesma linhagem familiar. (N.E.)

— Por que eu não me surpreendo? Aquelas cobras conspiradoras sabem exatamente como conseguir o que querem.

Anozie soltou uma risadinha.

— Não tem sido fácil para a família depois que Okezie morreu, Uzoamaka.

— Para nós as coisas também não andam tão bem — retrucou ela.

Anozie exagerou num bocejo cansado.

— Ele não vai ficar por muito tempo. — Sua voz assumiu um tom sonolento e arrastado. — Você vai ficar surpresa com a rapidez com que os anos vão passar. E minha intenção é, nesse meio-tempo, dar uma utilidade pro garoto.

Ekene se divertia com ele.

— Que nome é esse? Aboy! — perguntou ele. Estavam a caminho do Campo Ojukwu para o treino de futebol depois da escola. Era um dia quente, o calor do piche de alcatrão penetrava nas solas finas dos pés de Obiefuna e os queimava, mas não tinha nenhum efeito em Ekene, com suas chuteiras de sola grossa e seu ar ansioso.

— Não tem nada de errado com o nome dele — retrucou Obiefuna. Ele estava decepcionado. Era difícil descobrir o que Ekene tinha em mente naqueles dias: não conseguia dizer se, além de achar graça, Ekene sentia algum afeto por Aboy. Ele queria que Ekene gostasse de Aboy. Embora Obiefuna fosse treze meses mais velho que Ekene, já havia se resignado à necessidade de aprovação por parte dele, deleitando-se com os prazeres simples que a validação do irmão trazia.

Ekene encolheu os ombros e continuou batendo a bola. Com apenas catorze anos, tinha a enormidade de um adulto e o cansaço do mundo que a acompanhava. As pessoas comentavam que ele era a cara do pai, com aquele rosto estreito e sério e os olhos calculistas. Também herdara o temperamento de Anozie, só que o de Ekene era mais espontâneo, e as consequências, mais chocantes. Aos dez anos, enterrara a ponta de uma caneta esferográfica na lombar de um colega de classe depois que o garoto puxou a cadeira debaixo dele enquanto se sentava, fazendo-o despencar no chão; chamara a professora da quarta série de prostituta por repreendê-lo publicamente depois que

foi reprovado em uma avaliação e, por isso, recebera as pancadas de seu pai com uma resistência insuportável. No ano anterior, quase havia despejado uma panela de óleo quente em Obiefuna por ter batido nele em uma brincadeira de lutinha. Ao longo dos anos, Obiefuna havia aprendido a se relacionar com ele com uma cautela não declarada. O relacionamento dos dois se baseava na compreensão mútua de que a autoridade de Obiefuna tinha limites.

Havia apenas alguns garotos por perto quando chegaram ao campo, perambulando por ali e correndo com bolas de futebol de tamanhos diferentes; alguns dos garotos usavam camisas de time desbotadas e botas gastas, mas a maioria estava sem camisa e descalça. Tobe avistou-os de longe e correu até lá.

— Olha os caras! — Ele apertou a mão dos dois, a de Ekene por um tempo maior. Tirou a bola de Ekene e a fez quicar. — E aí?

— Tudo certo. — Ekene olhou ao redor do campo. — Cadê todo mundo?

— Atrasados de novo — respondeu Tobe. — E nem sinal do treinador.

— Quase cinco — disse Ekene, olhando para seu pulso nu.

— Ele lá se importa? — Tobe deu de ombros. — Nosso time não é grande coisa, mesmo. — Ekene fez que não com a cabeça, com um sorriso decepcionado. — Mas ainda podemos treinar sozinhos, né? — perguntou Tobe de repente. — Ninguém precisa assistir à gente para alguma seleção de “academia”.

— Ele pronunciou a última palavra em tom de autodepreciação.

— Claro. — Ekene riu.

Tobe gritou:

— Quem tá pronto pra jogar? Eu tô!

— Eu também! — gritou alguém, a distância, enquanto os garotos ao redor corriam para onde Tobe estava com a bola.

— Eu escolho Ekene — disse Tobe, cruzando a mão sobre o ombro de Ekene.

— Eu escolho Paul — falou um garoto magro com cabelo castanho de aparência enfermiça que havia gritado antes. Paul aproximou-se para ficar ao lado dele.

— Eu queria escolher o Paul! — grunhiu Tobe. — Sempre ficamos no mesmo time.

— Não é problema meu. — O garoto magro deu de ombros. — E, também, você já tem o Ekene. O time já tá completo.

Tobe virou-se para Paul.

— Com quem você preferiria ficar, Paul? — desafiou.

Paul deu de ombros e caminhou até Tobe, e o outro garoto gritou, atordoado:

— Paul! Aonde você vai? Eu já escolhi você! *Abeg*,³ volte aqui!

Paul ficou no meio do semicírculo e ergueu as duas mãos, como se estivesse exasperado, embora estivesse claramente se deliciando com a situação. Era gratificante quando um time queria a pessoa, mas era inebriante quando dois times estavam prestes a concorrer por ela.

— Mas por que estamos arrastando Paul se temos uma galera talentosa aqui? — interveio Chikezie na hora certa. — Olha o Obiefuna, por exemplo.

As risadas eram esperadas; o negar com a cabeça, o bater dos pés e o cantarolar baixinho de “Não, não, não” já haviam virado rotina. Ainda assim, a dor parecia tão recente quanto da primeira vez.

— Prefiro ser um time de um homem só a escolher um saco vazio desses — disse alguém do meio da multidão, provocando mais risadas. Até mesmo Ekene sorriu.

E assim Obiefuna se sentou na grama e ficou segurando as camisetas, os chinelos e as garrafas d’água. Até mesmo Chikezie fez várias tentativas de provocação para deixar seus pertences com Obiefuna, desistindo apenas quando Abdul, o maior garoto do grupo, que também atuava como árbitro, interveio e o mandou deixar Obiefuna em paz. A partida terminou em três a dois, com vitória para o time de Paul, mas Ekene marcou os dois gols para o dele, e todos concordaram que ele foi o melhor em campo. Os oponentes apertaram sua mão e, fazendo uma análise posterior, elogiaram as mesmas habilidades que haviam censurado durante a partida, concluindo que seu time podia ter se saído muito melhor com dois dele ao seu lado.

No caminho para casa, Obiefuna perguntou a Ekene com quem ele achava que Paul realmente queria ir, e Ekene riu, parecendo leve e feliz como costumava ficar depois de uma boa partida de futebol, e disse:

— Por favor, não começa com isso.

3. Gíria que significa “por favor”, “com licença”. (N.T.)

2.

De todas as coisas que causam preocupação durante a gravidez, o nome da criança era o que mais afligia Uzoamaka. Ela achou as sugestões de suas amigas Chidera, Tochukwu e Ngozi comuns demais, simplistas demais, as sugestões de Anozie práticas demais ou, como tudo nele, com uma sonoridade curiosa e arcaica – quem iria chamar o filho de *Nnanna*?⁴ Ela queria um nome que expressasse sua gratidão pela decisão dele de vingar depois do segundo mês, por permitir que ela testemunhasse seu primeiro chute no quinto mês, uma prova simples e maravilhosa da capacidade de seu corpo de sustentar a vida, depois de muitos abortos espontâneos que a levaram a acreditar ser impossível. E, embora tenha gostado bastante da sugestão da mãe de Anozie, Obiajulu, “A mente agora está em paz”, ela achou que era o tipo de nome que uma avó daria ao neto, um nome carinhoso, carregado de sentimentalismo, não um nome para constar de uma certidão de nascimento, para ser usado fora de contexto, pelo público em geral e indiferente.

No fim, contentou-se com um pouco dos dois: a decisão final, que ela garatujou com convicção na certidão de nascimento dele, foi direta e prática, mas também manteve um toque de sentimentalismo. Acima de tudo, parecia adequado. “Que meu coração não se perca.” Pois sua chegada havia solidificado, de alguma forma estranha, a noção de lugar de Uzoamaka, restaurando nela a capacidade perdida de acreditar no conceito de milagres.

4. Em igbo, *Nnanna* significa “pai do pai”, ou seja, avô. (N.T.)

O nascimento dele, numa tranquila meia-noite de sexta-feira, em agosto de 1991, a pegara de surpresa. Ele chegou duas semanas antes do previsto, por isso ela confundiu suas primeiras contrações com uma perturbação incomum da parte dele. Estava em pé na cozinha, guardando os pratos do jantar, que ela comera sozinha porque Anozie estava fora, e a princípio pensou que poderia se sentar um pouco para descansar as costas; em seguida, depois de uma hora inteira tentando sem sucesso encontrar uma posição confortável e fazê-lo relaxar, ela se levantou da cadeira e desceu as escadas até a porta dos vizinhos e pediu que a levassem até a clínica para ter seu bebê. Por ironia, foi o homem, o sr. Adebayo, que entrou em pânico, correndo pela sala de estar em busca de roupas adequadas e voltando ainda com pouca roupa. No carro, lançava olhares preocupados para ela com tanta frequência que Uzoamaka temia que eles saíssem da estrada e caíssem em uma vala. Ela ignorou a tentativa dele de ajudá-la a sair do carro quando chegaram à clínica, caminhando sozinha até a sala de parto, e em poucas horas estava segurando o bebê choroso nos braços, observando de olhos marejados enquanto ele anunciava com fúria sua presença no mundo e o fim da ansiedade dela.

As parteiras ficaram apaixonadas por ele, comentando com aprovação sobre seu peso saudável ao nascer, a ausência de icterícia, que era endêmica na época, e o parto tranquilo. A própria Uzoamaka havia sido maravilhosa na enfermaria e se deleitava com a atenção de outros pacientes que tentavam ver o bebê, zozos de contentamento e já cansada quando Anozie, alegre a ponto de explodir, chegou. Ele lhe disse que o carro estava na frente da clínica, pronto para levá-los para casa, e juntos olharam para o bebê no colo dela, mamando no peito. Um filho, depois de todos aqueles anos.

Uzoamaka gostava de recontar, a qualquer um que se interessasse, as circunstâncias que cercaram o nascimento de Obiefuna. A chegada dele não fora apenas uma resposta às noites de orações e lágrimas intermináveis que duraram anos, mas também uma reversão no curso da vida e na sorte deles. Três meses após o início da gravidez, Anozie conseguiu por acaso um grande contrato de fornecimento, estando no lugar certo na hora certa, com renda suficiente para tirá-los por fim das habitações públicas e levá-los para uma residência melhor no centro

da cidade, onde tinham uma cozinha e um banheiro só para eles. O negócio de trancista de Uzoamaka prosperou de repente, com muitas clientes insistindo para serem atendidas, mesmo estando com a gravidez avançada e havendo outras barracas por perto que não cobravam nada. Algumas semanas após o oitavo mês, Anozie, seguindo o exemplo de seu amigo Udoka, comprou bilhetes de uma rifa, investindo nisso uma porção considerável de seus ganhos. Ela quase ficou louca quando descobriu, passando dias sem falar com ele, e, quando ele contou para ela, uma semana depois, que havia sido informado de que receberia o grande prêmio em Benin, sendo um dos dois sortudos ganhadores entre mais de duzentas pessoas, ela ignorou aquilo como sendo mentira, uma tentativa maliciosa de fazê-la voltar a falar com ele. E quando ele chegou do trabalho no dia seguinte, rindo e chorando nos braços dela enquanto lhe dizia que o prêmio era um carro, o novo modelo da Mercedes-Benz, ela berrou e pulou pela casa até sentir um chute de protesto, um alerta para ficar tranquila e, ainda assim, um lembrete pequeno e permanente do maior milagre que agora era sua vida.

— Sabe, ele trouxe todas essas bênçãos para nós — Anozie costumava dizer nos primeiros dias após o nascimento de Obiefuna. Era típico dele afirmar o óbvio com a autossatisfação de quem detém um conhecimento esotérico. Claro que ela sabia. Ela observava o bebê com certa gratidão; ele era impecável, sem o comportamento ansioso característico dos recém-nascidos. Fazia sucesso no mercado pelo sorriso fácil, pelas covinhas e pelo cabelo cheio, que era macio ao toque e fazia as pessoas acharem, no início, que era uma menina. Outras mães diziam que ela tivera sorte porque o bebê se acomodava e até dormia nos braços de estranhos, o que lhe dava espaço e tempo para trabalhar, porque ele comia tudo o que lhe davam, poupando-lhes a energia e o custo de procurar refeições especiais, dobrando de peso com uma pele saudável e radiante, além de ser raro ele ficar doente. Era amável e brincalhão com todos, conquistando a afeição das pessoas sem esforço. As clientes dela começaram a dar gorjetas especificamente pelo bebê e, quando ele começou a balbuciar o “Obrigado” que ela lhe ensinou, elas riam e o encaravam espantadas, sem palavras. Ele não tinha nem um ano de idade quando começou a cambalear com pernas instáveis e a pronunciar variações infantis dos nomes quando via rostos conhecidos.

A provocação geral era que ele era um velhinho num corpo de criança, e a crença geral era que era uma criança especial.

Mas, quando Uzoamaka acordou com aqueles enjoos matinais familiares de novo e confirmou a próxima gravidez, ela ficou, por razões que não conseguiu identificar, um tanto preocupada. Achou difícil compartilhar a alegria de Anozie, por mais contagiante que fosse, e, quando a mãe dele chegou da vila com um carregamento imenso de comida e um ainda maior de boa vontade, ela teve vontade de pedir à mulher que fosse embora naquele mesmo instante. A simples ideia de encenar uma alegria que ela mal sentia, de representar uma felicidade fingida, a deixava esgotada, e ela vomitou durante todo o sexto mês, perdendo peso e apetite a cada momento e precisando tirar uma licença antecipada do trabalho, por recomendação médica, para descansar. E, mesmo quando o bebê nasceu (de cesárea porque não ficava na posição correta), pequeno e estridente na maioria das vezes, ela tentou, sem sucesso, sentir algo concreto. Para ele, Obinna, Chidera ou até mesmo Ozoemena serviriam. Mas Anozie o chamou de Ekenedilichukwu, “Graças a Deus”, e, em seus momentos misantrópicos sombrios e fugazes, ela se perguntava o que havia para agradecer sendo que aquela criança quase tirara sua vida.

As diferenças consideráveis entre as duas crianças ficaram aparentes à medida que cresciam. Era surpreendente e, às vezes, de partir o coração ver Obiefuna perder todo o seu charme infantil, transformando-se em uma criança reservada e discreta, relegando inconscientemente a autoridade ao impetuoso e franco Ekene. Obiefuna transformou-se diante de seus olhos no exato oposto de sua versão infantil, e Uzoamaka observava com crescente desespero enquanto ele tentava, sem sucesso, ser aceito pelos colegas e ficava suscetível aos valentões; e, o que era mais angustiante, agora era fonte de preocupação e irritação para Anozie.

— Aquele garoto — comentava ele com frequência, sem nada daquela admiração agradecida que caracterizava as primeiras reflexões sobre Obiefuna —, ele é anormal.

Na primeira vez, ela exigiu uma explicação para a declaração dele, elevando a voz para acompanhar o tom do marido quando ele a

repreendeu, sabendo no fundo e ainda mais irritada pela certeza de que não estava preparada para admitir que havia algo incomum no garoto. Ele não era de falar muito, tinha poucos amigos e tendia a chegar em casa com hematomas de uma briga perdida ou chorando por causa de algum comentário maldoso de uma das crianças da vizinhança; e, enquanto Ekene lembrava Uzoamaka dos garotos de seus tempos de infância, alguns dos quais tinham sido objeto de suas paixões infantis, Obiefuna trazia à mente as amigas divertidas e leais com quem ela crescera. Às vezes ficava angustiada com a sensação incômoda de que um erro terrível havia sido cometido, mas às vezes, como quando Obiefuna ia para a pista de dança, ela se convencia de que não havia nada remotamente mais próximo da perfeição. Ele a surpreendia com seus movimentos, sua habilidade de manipular os membros em ângulos impossíveis. Era conhecido no bairro pelo talento, e ela assistia com alegria nas festas enquanto ele dançava melhor que as outras crianças, ignorando o riso debochado e irritado dos pais. Essa era uma das muitas áreas da criação dele nas quais ela e Anozie discordavam. Uma vez, eles compareceram à consagração do bebê⁵ de uma amiga antiga de Anozie, e Obiefuna, como sempre, ganhou todos os prêmios de dança que havia. Anozie, segurando uma garrafa de cerveja gelada, observou a cena com um olhar de soslaio absolutamente desinteressado. Seu humor ali era jocoso, trocando gentilezas com amigos e dando presentes aos pais da criança, e, no caminho de volta para casa, cantarolou alegremente os Oriental Brothers.⁶ No entanto, quando chegaram, ela ainda estava desabotoando as sandálias na porta de entrada quando Anozie se virou para dar um tapa no rosto de Obiefuna. Uzoamaka levantou-se e viu o filho ser jogado contra a parede com a força do golpe, e imediatamente apareceram vergões no rosto dele que atestavam o impacto.

— Qual é o seu problema? *Anumanu!*⁷ — xingou Anozie, sua voz ficando entalada na garganta, como acontecia quando estava tendo um

5. Cerimônia cristã que acontece em geral três meses depois do nascimento da criança para apresentá-la à comunidade da igreja (católica ou evangélica). Depois dela, acontece uma festa. (N.T.)

6. Banda nigeriana. (N.T.)

7. “Seu animal!” (N.T.)

ataque de raiva. — Você é uma mulher na pele de homem? *Asim, i bu nwoke ko i bu nwanyi?*⁸ — questionou ele, abrindo o fecho do cinto para uma surra adequada.

Foi então que Uzoamaka se pôs entre os dois e o desafiou a encostar um dedo em seu filho mais uma vez, dizendo para ele esperar para ver se ela não lhe daria o próprio pênis para comer. Ficaram se encarando por um longo tempo, ele surpreso com a audácia dela, ela fervilhando em sua raiva crescente e recém-descoberta, o silêncio carregado de expectativa, até que Anozie abaixou o cinto e irrompeu quarto adentro.

O menino chorou até o jantar ficar pronto, durante todo o jantar e até tarde da noite. Ela se sentou ao lado dele na cama, embalando-o com suavidade e sussurrando:

— *Ozugo nu*, me desculpe. — E fez um monte de promessas. Ela segurou a cabeça dele contra o peito, a temperatura dele estava subindo, e sentiu o sangue subir à cabeça de raiva. Que ridículo, insensível e absurdo esperar perfeição de uma criança. Ele estava com oito anos e não tinha noção do que era um comportamento “adequado”. Mas, quando apagou a luz do quarto, tendo conseguido conter as lágrimas dele e fazê-lo dormir, ela desejou que Obiefuna fosse um pouco mais convencional.

8. “Você é homem ou mulher?” (N.T.)